ANO 32.º — Sábado, 6 de Janeiro de 1940 — N.º 1610

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Rèpublicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: IMPRENSA UNIVERSAL
Rua Combatentes da G. Guerra — Telef. 125 — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto — Agência Havas

Nós somos a muralha que sustém e derruba tôdas as paixões

A época em que vivemos, embora assolada pela maior das vicissitudes — *a guerra* — é uma época de resgate e absolvição.

Dir-se-ia que o mal da humanidade foi o despertar hediondo dêsse abulico e bárbaro povo do Oriente. Foi a doutrina nefasta de *Carl Marx*. Foi o ódio intenso dêsse judeu, o verdadeiro inspirador desta guerra. Somos nós, portugueses, povo de tradições milenárias, que o afirmamos. Também nós, durante longos anos nos guerreamos, como inimigos figadais.

Separava-nos a nós, irmãos de sangue, e filhos naturais da mesma mãi, o antagonismo dos ideais. A utópica exportação da mística oriental trouxe-nos conseqüências maléficas. Tivemos também, como a França e a Inglaterra, um partido comunista, à semelhança da idade média, como o Feudalismo. Mas nós não o adoptamos, a sua propaganda e actuação terrorista era obtusa, isto é, fazia-se instigando miseravelmente os menos protegidos pela ilustração. O mais triste, ainda, é recordarmo-nos de que alguns valores nas nossas letras e das nossas ciências secundavam semelhante opróbio. Há dose anos que a luta começou, há quási quatro mêses que ela terminou. Bastou que para tanto a Rússia atacasse um povo de três milhões de habitantes. Ora isso veio contradizer a sua propaganda política de liberdade. O ataque à Finlândia, uma das nações mais civilizadas da Europa, veio contestar a invulnerabilidade dos pequenos povos.

Um povo irmão — a Espanha — cujas fronteiras se confrontam com as nossas, sofreu os horrores dêsse flagêlo. Durante três anos, o mundo inteiro, em face dessa guerra, preparou o *espirito de combate* contra a vaga intumescente dessa orla doutrinária.

Pobre Espanha!
Pobre Finlândia!

Uma já liberta e apta a sofrer o embate, outra combatendo com heroismo, vai vendo que os seus esforços serão esmagados pela pressão numérica de cento e oitenta milhões de homens.

A moral dum povo reside na intransigência da sua civilização. Povo nobre e culto, terá, após o final da guerra, a veneração e o respeito de nós todos e a graça do *Senhor*.

Também nós, embora a nossa afirmação não revele egoismo, sofremos a afronta dêsse povo bárbaro, onde predomina, ainda, a timidês e os conceitos da néolitica. Libertamo-nos, depois de longos anos de cativeiro, não porque possuissemos um govêrno comunista, mas porque sofremos durante longos anos a sua torturante hegemonia, embora ela aparecesse firmando-se sôbre o rótulo de democracia. Hoje, em Portugal, *ou se é nacionalista ou se é traidor.*

No mundo inteiro, como em pleno século XV, nós caminhavamos na vanguarda, e, como há pouco ainda o confirmou Maurras, *somos a muralha que sustem e derruba todas as paixões.* Edificamo-la sob a egide de Salazar, e, foi à sombra da sua árvore de sapiciência e ponderação que creamos esta imagem sorridente, para o bom porvir da raça, da história e das gerações vindouras. Pagamos, embora com menor intensidade, o tributo dos nossos pecados. Como a antiga Grécia também sentimos ameaçada a nossa civilização, mas é inspirando-nos sempre no passado que colhemos os ensinamentos para a nossa orientação.

Na época em que vivemos a humanidade agonisa, mas desseminados os pecados virá o resgate e a absolvição.

ANTÓNIO DOS SANTOS.

Mensagem Presidencial

O sr. General Carmona leu no dia de Ano Novo, ao microfone da Emissora, a seguinte alucução, dirigida aos portugueses:

Como Chefe da Nação Portuguesa saúdo, comovidamente, no limiar do Ano Novo, a todos os Portugueses. Onde quere que se encontrem e exerçam a sua actividade — no Continente, nas Ilhas, nos domínios ultramarinos ou em paises estrangeiros — sinto que a todos me une o mesmo afecto a Portugal, todos vibram com o puro amor da nossa pátria, todos estão empenhados na mesma tarefa de engrandecimento nacional.

Em 1940 celebrar-se-á o 8.º Centenário da nossa existência de Nação livre, e êste facto raro no concêrto dos povos, se é motivo de grande alegria para os portugueses, também a todos impõe especiais reponsabilidades. Somos, na verdade, os herdeiros duma grande tradição, os depositários duma riquesa inapreciável constituida pelos sacrifícios, feitos heróicos, empreendimentos de tôda a ordem, descobertas, conquistas, de gerações sucessivas. Ao seu esfôrço devêmos a existência e independência da Nação, a grandeza da sua história. A nós cabe continuar essa história gloriosa com o sacrifício e esforços que bem podem não ser inferiores, embora dispendidos em muitos diversos empreendimentos.

As solenidades que preparamos para 1940, como a grande festa da familia portuguesa, têm o confessado intúito de nos afervorar no nosso patriotismo com a contemplação do passado e encorajarmos para tudo quanto êsse passado exige das gerações presentes. Espero que os portugueses que não puderem visitar a mãi Pátria nêste Ano das Comemorações Centenárias celebrem, não obstante, onde se encontrem as festivas datas aqui solenisadas e se associem de todo o coração às manifestações de verdadeiro júbilo patriótico despertadas por tão notável acontecimento. Celebramos a nossa festa quando a guerra aflige muitos povos e sôbre todos se fazem sentir as graves repercussões do conflito. Não pode o facto deixar de comover-nos profundamente e de pôr entre as nossas alegrias a tristeza e o amarmor da paz que a outros falta. Mas nós fazemos votos por que a providência inspire os chefes e os govêrnos de todo o mundo com sentimentos de justiça e de amor dos homens, de modo que encontrem solução para as terriveis dificuldades do momento e possam chegar à Paz que certamente todos desejarão. Incumbe-nos desejá-la ardentemente, trabalhar por ela com afinco e com todas as nossas forças, mas ter o ânimo preparado para as dificuldades, perigos ou sacrifícios que podem ser-nos impostos pelas circunstâncias. Ousamos, entretanto, esperar que estas nos sejam propicias e que o novo Ano seja para todos bom e feliz Ano.

Bôas-Festas

Durante as comemorações do Natal e Ano Novo foram dirigidos a esta Redacção e ao director do *Democrata* cumprimentos em postais ilustrados, cartões e telegramas que nos cumpre agradecer, desejando, a quantos tiveram essa amabilidade, muitas felicidades e dias venturosos.

LOTARIA

Os prémios maiores das extracções do Natal e fim do ano sairam nos números 2376 e 12782, não tendo vindo, como de costume, nem um só centavo para Aveiro,

Pouca sorte.

IMPRENSA

«O Regional»

Este quinzenário de S. João da Madeira entrou no 19.º ano, tendo comemorado a data festiva com um número especial de 12 páginas, algumas delas ilustradas e impressas a côres. E' que em S. João da Madeira compreende-se o valor da imprensa e auxilia-se condignamente por ser atravez dela que as terras e os habitantes se tornam conhecidos, o comércio e a indústria adquirem clientela e as obras de engrandecimento se realisam depois de se ter levado o público e os govêrnos a interessarem-se por as questões de fomento.

Como nós nos sentimos diminuidos deante do exemplo do pequeno concelho de S. João da Madeira!

Parabens ao *Regional*. Pelo seu aniversário e ainda pela maneira como os sanjoanenses o acolhem, concorrendo para as suas iniciativas.

Efemérides

6 de Janeiro

1895 — E' exautorado, em França, o capitão Dreyfus, vítima duma infame perseguição, como mais tarde se descobriu.

1900 — Morre, na capital, o vigoroso jornalista republicano Alves Correia, fundador do *País*, que na vida da imprenso foi um dos predecessores de *O Mundo*.

Dr. Jaime Duarte Silva

—o—

Adoeceu; mas, felizmente, não com aquela gravidade avolumada pela notícia posta a circular e que fez convergir muitos amigos à Rua do Sol, na ânsia de saberem do seu estado.

O ilustre causídico e prestigioso aveirense está passando por uma crise que, de facto, requer tratamento e cuidado, como os médicos aconselham e êle próprio reconhece. Deve, todavia, restabelecer-se em breve, devido ao regimen que iniciou e segue auxiliado com os carinhos da família.

O Democrata assim o deseja,

Ó DA GUARDA!

Quem acode à Pequena Imprensa?

Transcrevemos do ultimo numero de *O Figueirense*:

Sempre foi dificil a vida dos jornais da provincia, entregues a si próprios, sem qualquer outro auxilio que não fôsse o producto das suas assinaturas; mas há uns tempos a esta parte, mais dificil se tornou a sua existência, por exigências que lhe têm sido impostas, sem que paralelamente lhe tenham sido dispensados quaisquer auxilios,

E talvez para pôr à prova a paciência dos que administram os pequenos órgãos da opinião pública, os fabricantes de papel aproveitaram-se da guerra europeia e agravaram os seus produtos.

Mas que agravamento!...

Basta só dizer que, em 9 de Outubro do ano findo, pagámos uma partida de papel a 2$00 cada quilo e no dia 27 de Dezembro ultimo o mesmo papel custou-nos **3$45** cada quilo!!!

E outra encomenda que fizemos seguidamente, do mesmo papel, foi tomada sem compromisso de preço e de entrega!...

Perante êste quadro sombrio, digam-nos os leitores se é possível aos jornais da provincia manterem-se e viver desafogadamente.

O que nos admira é como se permitem êstes aumentos desconformes e são levados ao banco dos reus comerciantes que aumentam alguns tostões aos productos do seu comércio, comprados também mais caros...

Chamamos para o facto a atenção de sua ex.ª o sr. Ministro do Comércio, para que mantenha em respeito os fabricantes papeleiros, enquanto durar o conflito europeu, porque depois, se nos fôr permitido, havemos de dar-lhes resposta condigna.

Mas até que êsse dia chegue seja-nos licito clamar:

—O' da guarda! Quem acode à Imprensa da provincia?

Pela nossa parte já dissemos o que tinhamos a dizer sôbre os abusos da industria papeleira nacional. Mas não deixaremos de acompanhar os colegas sempre que contra ela se insurjam, oferecendo-lhes a solidariedade do *Democrata*.

Olha a grande coisa...

Alguns jornais portugueses fizeram espanto dum casal, que há dias chegou a Lisboa, vindo da América, ter alugado por 120 contos um avião para o conduzir a Roma, visto ter pressa de lá chegar.

Então o dinheiro não será para as ocasiões?

O TEMPO

Findou o ano de 1939 e entrou o de 1940 com chuva e frio. Uma tristeza em toda a linha; mas do mal o menos.

Mil vezes pior são os temporais.

E' demais!

—c—

O encarregado da limpeza da cidade já reparou na situação em que coloca a Câmara, não cumprindo com os seus deveres?

E se reparou entende que ela tem obrigação de o absolver de todas as faltas, chamando a si a responsabilidade de tudo quanto por essas ruas existe de vergonhoso, impróprio duma capital de distrito?

Passámos esta semana nas ruas do Gravito, de Sá e Almirante Reis. Que lástima! Que desleixo! Que indecência! Junto aos passeios e às casas há erva e ortigas crescidas que dão para alimentar uma vaca leiteira ou um rebanho de carneiros! E em frente ao quartel de Cavalaria? Que belesa de hortaliça! Só visto. Decedidamente, para aqueles lados já não é cidade!... Tal o abandôno a que foram votadas as artérias em referência, não obstante serem de grande movimento e relativa importância. Pois nós entendemos que as ruas do Gravito, de Sá e Almirante Reis precisam de ser olhadas doutra maneira e por isso aqui estamos arvorados em fiscais da sua limpesa, já que o pessoal da Câmara, obstinadamente, foge ao cumprimento do dever.

E' demais!

Trincheira dum crente

O Vaticano e o Quirinal

As visitas trocadas entre os reis de Itália e Sua Santidade têm, neste momento histórico e angustioso de guerra que o Mundo atravessa, um valor seriamente significativo.

O Vaticano e o Estado italiano parece que caminham para o entendimento firme, claro, compreensivo e resoluto àcêrca dos problemas europeus. Há, justamente, uma civilização milenária a defender. Ha um alto espírito europeu e universal a salvaguardar, produto do profundo esfôrço depurador da inteligência e da consciencia na sua evolução histórica, obra de muitos séculos e tarefa de inavaliáveis sacrifícios humanos. Civilizações e Espírito que se traduzem, em síntese, pelas ideias de bondade, de tolerância e de fraternidade entre os homens e as nações. Que se afirmam, ainda, pelo predomínio da razão esclarecida, dos sentimentos justos e dos interêsses legítimos, sôbre as paixões, o baixo materialismo e o instinto demagógico, seja qual fôr a sua côr intelectual, política, religiosa e humana.

Nunca, como hoje, essa civilização e êsse espírito, que não podem morrer, sob pena de retrogadarmos até à barbarie e que são, por sua vez, insubstituiveis, estiveram tanto em causa e precisaram tanto do apoio e da defesa de instituições e de princípios representativos, que simbólica e fundamentalmente os encarnem. Essa civilização e êsse espírito não podem viver e prosperar sem a paz, a verdadeira paz cultivada com sinceridade e com justiça.

* * *

Para haver a verdadeira paz é indispensável que os povos pequenos como os povos grandes, que as nações fracas como as nações fortes, possam ser livres e independentes; possam continuar a sua existência jurídica e histórica sem a perpétea ameaça da espada de *Damocles* sôbre as cabeças.

Hoje que algumas nações perderam a autonomia, deixaram de ser livres para se tornarem escravas, estão sob a pata despótica do estrangeiro e o escarneo cruel do dominador, é que se aprecia quanto vale a independência e quanto vale a liberdade!

Quando o homem e as nações perdem alguns dos seus bens essenciais pelas lutas intestinas desencadeadas ou pelas inclemências da história, é que se avaliam carinhosamente a importância e a necessidade dêsses valores indispensáveis à felicidade humana.

Fala-se hoje tanto em primado do espírito, na hegemonia do espírito sôbre a matéria, da vitória dos valores espirituais sôbre os materiais!

Mas não pode haver triunfo do espírito sem liberdade. Liberdade responsável, liberdade condicionada, liberdade moral e consciente, é certo, mas essencialmente liberdade. O espírito, para ser criador, tem que ser simultaneomente livre e responsável.

Com a servidão a pesar em cima da inteligência, da consciência, da cultura e da vida, não pode haver primado do espírito.

O espírito para existir, para exercer a sua acção fecunda, tem que poder observar, comparar, confrontar e consequentemente rectificar, aperfeiçoar e idealizar.

* * *

A cordialidade, o bom entendimento, a comunhão de pensamentos e objectivos, a aliança, mesmo, entre o Vaticano e o Quirinal só serão benéficos e úteis à Europa e à Humanidade.

O Vaticano é, hoje, no mundo, o

Horário dos combóios

Começou ontem a vigorar nas linhas da C. P. e do Vale do Vouga um novo horário dos combóios com importantes alterações, o qual vai publicado adeante, para conhecimento dos leitores.

Soma e segue

—o—

A nossa local — *O custo do papel* — foi também transcrita pelo *Jornal de Arganil*, outra vitima da indústria nacional, que amargamente se queixa da situação em que nos encontramos.

E' muito; lá isso é.

A baixeza soviética

—o—

Os chefes comunistas franceses que sempre tinham prègado a necessidade da guerra e que, para explorar o profundo patriotismo do povo, lançavam as suas grandes tiradas de coragem militrr e de amor à França, assumiram — quando o momento foi chegado — uma atitude de baixeza que mostra até que ponto a ideologia comunista pode apagar os sentimentos de honra e brio.

Maurice Thorez (secretário geral do Partido Comunista Francês e deputado) desertou em frente do inimigo; Jacques Duclos (membro do Directório do Partido e Vice-Presidente da Câmara dos Deputados) desertou, igualmente, e com estes os deputados comunistas Pêri, Ramette, Monmousseau e vários outros, entre os quais o famigerado Marty, comandante das Brigadas Internacionais da Espanha Vermelha.

Só um dos chefes bolchevistas franceses não fugiu: Marcel Cachim. Para se bater pelo seu país? Não. Apenas porque a sua idade o mantém fora das contingências da mobilização...

FALTA DE ESPAÇO

—o—

Por êste motivo deixamos de inserir hoje alguns originais, que ficam para o próximo número.

Êste número foi visado pela Censura

1940 com Barrocão hip, hip, hurrá!

defensor e protector de todos os oprimidos e perseguidos, seja qual fôr a sua raça, o seu sangue, o seu Estado e a sua classe. A fôrça bruta, as ideias de violência, a escravatura ideológica, o princípio do mais forte se constituir no falso direito de subjugar o mais fraco, por qualquer meio ao seu alcance, mereceram-lhe já, dezenas de vezes, a mais formal e definitiva condenação, em nome de razões elevadas e superiores, quer de ordem humana, quer de ordem divina.

A situação europeia criada pela guerra imperialista, tem, segundo me parece, sucessivamente melhorado.

Que a Itália, que já cometeu os seus êrros, se redima deles, compreendendo, observando e seguindo as grandes directrizes humanas do Vaticano, pois ajudará a salvar a Europa, o Espírito e a Civilização do Ocidente, que são, no fundo, a defesa da sua própria causa e a razão de ser histórica da sua missão latina, romana, católica e cristã.

J. Carreira

S. Gonçalinho

—x—

Já se acha publicado o programa das festas ao santo casamenteiro do bairro piscatório, as quais terão lugar nos dias 13, 14 e 15 do corrente.

Também lhe chamam a *festa das cavacas* por ser da tradição arremeça-las do alto da torre da capela sôbre o arraial a vêr quem mais apanha.

Hábitos antigos.

PELO TEATRO

—o—

E' na próxima quinta-feira que aqui vem dar um único espectáculo a companhia de que faz parte a conhecida actriz Adelina Abranches. Levará à cêna a comédia *Um caso sério!...*

Os bilhetes já se encontram à venda.

Definindo posições...

O Trabalho!...

E' uma fôlha que se publica em Vizeu e ostenta estas legendas vistosas: *Ideias, Notícias, Artes, Letras.*

A respeito de *ideias*, vai agitando as que vogam lá fora em sectores da opinião inglesa, francesa e, encobertamente, até de certo urso asiático. Basta dizer-se que nas veias de *O Trabalho* circula sangue negro de Israel...

As *notícias* deve o leitor ingénuo procurá-las naquele ranger de dentes sombrio que se pespega nas suas colunas sempre que alguém, embora modesto, fale claro, alto, e na frente de todos em Portugal. Eu sou dos atingidos e vamos já ver como e porquê.

Artes, essas estão documentadas no cabeçalho, em expressivo desenho semi-pornográfico, indecente, simbolizando qualquer coisa de obscuro e tenebroso...

Finalmente, as *letras*, na sua pureza gramatical e no belo, no vernáculo, no castiçamente português, resumem-se nos estrangeirismos ou nestas frases eloqüentes de *siô* Daniel:

«...para uMa MAior projecção da vida mental da *nação*, (*mama e ão, ão*...); uMA MAIS ampla cooperação intelectual...» (*mamais e... ão*...). Enfim: cada um se exprime como Deus é servido!

Mas, sobretudo, o que mais me sensibiliza é a finura das ideias... Representante *ainda* vivo da nefasta política contra a qual Gomes da Costa, procurador dos portugueses todos, ergueu o pêso da sua espada gloriosa em 1926, a sobredita fôlha, teimosa, é incapaz de reconhecer que estamos num tempo já outro.... Velha, caduca nas suas ideias, é rematada loucura o exibir-se como profeta num mundo que a toma só como palhaço de feira!

As mistificações que propala revelam-se insuficientes para lhe encobrir o raquitismo físico e nunca fazem esquecer a obtusidade mental donde provêm!

O título, afinal, tem como significado a forma da primeira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo correspondente. Êsse predicado, que é transitivo, necessita dum complemento directo: é O, também do cabeçalho. A quem se referirá? Creio e tenho como verdade— salvo melhor opinião—que é um pronome colectivo e que engloba todos os que, de qualquer maneira, se deixam ir no anzol!

Seria relativamente fácil e oportuno provar agora que essa folícula venenosa obedece a planos que atravessam as fronteiras de todas as nações sem respeito pela soberania e pela consciência daqueles a quem exploram, talvez, até, no firme propósito de lhes abastardar a mentalidade autóctone. Adiante.... *Devagar se vai ao longe* e quem mostra as suas armas sujeita-se a ficar vencido. Basta saber que estamos já no décimo quinto ano da Revolução Nacional e que encontramos ainda tais exemplos de subserviência, manifestações doentias de abstrusa origem que escapam a todos os correctivos!

Pois, meus senhores: os enxovedos de *O Trabalho* decretaram mostrar o tigrino dente aos que labutam num campo que lhes é adverso para esclarecimento dos seus contemporâneos, mormente quando se trata de espíritos nacionalistas firmes nos seus propósitos, conscientes e decididos, intransigentes, que marcham «em frente» livres de preconceitos e de clientelas...

Foi o que aconteceu comigo.

Publicando eu sob a rúbrica *Sorrisos Amarelos...* em *O Povo da Louzã*, órgão das comissões da União Nacional, uns comentários ligeiros sôbre democracias e democráticos, essa peste a que só faltou leiloar Portugal em hasta pública, *O Trabalho* lançou-se a mim, no seu número de 31 de Agosto como esfaimado gato a bofes.... Graças a Deus ou sou alto das pernas. Valeu-me essa circunstância, porque os anões de *O Trabalho* —dessa vez era o *siô* Daniel que já incluí na minha colecção de cabotinos — atingiram-me, apenas, os intestinos e creio que, nessa altura, se fartaram com a matéria encontrada... Todavia, eu aproveitei êsse número para lhes estudar a psicologia. Depararam-se-me *fenómenos* curiosos. Por exemplo, na primeira página vinha um artigo de Alsácia Fontes Machado que, sôbre ser um acervo de incongrüências, pretendia mistificar o indígena basbaque e erguer doutrina definitiva em cima de bases de areia, isto é: estava cheio de sofismas, concluindo de permissas falsas. Peguei nesse artigo, virei-o de carnaz, espremi-lhe o sumo, e escalpelizei-o nas colunas de *O Democrata* como os leitores viram em 16 de Setembro. Até aqui apenas a demonstração dos fins que *O Trabalho* almeja, mas que se coíbe de expor.... Mas o exemplar que enviei à autora do artigo anotado enfureceu a camarilha tôda, testemunho de que vestem colectivamente a mesma carapuça.... Daí resultou o longo arrazoado inserto em *O Democrata* de 11 de Novembro e ao mesmo tempo em *O Trabalhao* da mesma data um pouco mais ou menos, assinado pela mesma senhora Alsácia.

Esse arrazoado nem acrescenta nada ao que eu já havia criticado, nem desfaz as minhas objecções. Simples aglomerado retórico—*res non verba*—limita-se a *afirmar* sem *provar*. Assim o disse eu nas colunas dêste jornal, em 25, também, de Novembro, num escrito que se propunha encerrar um assunto que estava liquidado pela intolerância dum dos contendores.

Mas... *O Trabalho* estava *com a pedra no sapato*. Resolveu atirá-la a propósito dêsse escrito e brindar-me, ao mesmo tempo, com um chorrilho de *mimos*, daqueles que fazem a boa educação dos zeimões que o redigem, editam e orientam.... E a lealdade comprovada dos cavalheiros está em que se abstiveram, ainda por cima, de me enviar um número onde isso veio.... É isto o que se chama ferir pelas costas, *para que o paciente não sinta*.... Felizmente um amigo, do Porto, teve o cuidado de m'o enviar.

A local que se me refere vem logo na primeira coluna da primeira página e abre com esta chave — *Um desbocado.* (1)

Tive a paciência de a ler de ponta a ponta. Resume-se nisto: eu defendo os meus pontos de vista *com termos acanalhados* e sou *um refinado patife, salafrário, pústula mental, anormal*, etc.. Confesso que, a dar crédito ao aforismo popular —« pelas tuas veias julgas as alheias» — eu seria incapaz de definir com tanto rigor uns macanjos dêstes! Mas tenho-o por que «cada um dá o que tem»! Essa amostra de fino recorte literário, de profundo conceito ideológico, de evidente ascendência «filosófica», atesta melhor do que um certificado psico-patológico a intelectualidade de quem se arvora em defensor da «cultura popular» nas colunas do expoente máximo das letras de Portugal!

E não vem uma chuva de picaretas!...

O Trabalho, lançando a raiva, o ódio e a confusão, misturando «espíritas» com democráticas, médicos com literatura, política com ideias, segue a trama daqueles seres que, nascidos na sombra, têm de viver nas trevas. Nunca os vermes resistiram à luz do Sol, nem os sofismas e as difamações tiveram vòga quando a Verdade lhes vergastou o focinho hipócrita.

Mas... fica-me o direito de, em público se a isso me obrigarem aqui, les a quem se dirigem.

Filho de portugueses, hei-de apontar sempre os que não possuem essa qualidade e, a-pesar disso, querem dar leis a quem lhes deve pedir contas.

JORGE VERNEX

(1) — Pela curiosidade que deve provocar nos leitores e mesmo para que êles possam ajuizar do «jornalismo» de *O Trabalho*, aqui transcrevo êste pedacinho elucidativo:

A propósito da lição que a distinta professora D. Alsácia Fontes Machado deu há dias, no Trabalho, a um tal Jorge Vernex, que a ilustre e digna Senhora, na sua boa fé, julgava ser um homem de bem, incapaz de pretender defender um ponto de vista com termos acanalhados só próprios dum refinado patife, vomitou êste salafrário, no Democrata, de Aveiro, uma série de impropérios cuja baixeza é de molde a admirar-nos do acolhimento que lhe foi dado por um jornal que deve ter leitores honestos.»

Não vale a pena continuar. Por essa amostra já o leitor vê quem é que é canalha, salafrário, patife, desbocado, etc.. Rogo às pessoas de bem que confrontem os meus escritos com esta miséria verbosa de literatura... Os infames chegam até a duvidar—depreende-se da leitura da local—de que *O Democrata* tenha leitores honestos! «Deve ter» é uma dúvida e nunca uma afirmativa. A *lição* a que *O Trabalho* se refere é a mesma que foi publicada em *O Democrata* e que é só palavriado. Lembro até à «distinta professora» as determinações do artigo 8.º do decreto número 22.369...

Eu conheço bem êste janizarismo que, de algoz, arma sempre em vítima. São assim os correligionários de todos os países. Deus nos dê paciência para suportar as arremetidas da inépcia!

CARTA DE LISBOA

4 de Janeiro de 1940

O S. P. N. e a Arte Moderna

Prosseguindo na sua admirável política do Espírito realizou o S. P. N. mais uma brilhante iniciativa. Falamos da 4.ª Exposição de Arte Moderna que ora se está efectuando no salão de exposições de S. Pedro de Alcântara.

Certame a todos os títulos notável e pleno do maior interêsse, nele se patenteiam, mais uma vez, as muitas qualidades e o alto mérito de alguns dos nossos mais ilustres artistas do já admirável movimento modernista. Tudo o que há de melhor na vanguarda da nossa Arte está ali, como afirmação dum valor real que nos honra.

Porque a falta de espaço nos não permite fazer, como seria nosso desejo, uma mais larga referência a êste grande e admirável acontecimento artístico, contentar-nos-emos em fazer, da crónica dedicada pelo *Diário de Lisboa* ao interessante certame, a transcrição que os leitores encontrarão abaixo.

Acentua o conhecido órgão da imprensa lisboeta:

«A mensagem da Arte Moderna encontrou no salão da Propaganda Nacional o seu verdadeiro ambiente. Esta galeria clara e luminosa—respira! Sente-se que chegou a hora do triunfo para os artistas da vanguarda, mais atenuadas as audácias próprias da escola, pelo menos mais compreensiveis as que se formulam, dentro de equilíbrio e duma harmonia que não repousam antes evolucionam num plano ascensional. António Ferro deve estar satisfeito pela sua obra. Atraves das inúmeras janelas que êle tem aberto à Arte, no edifício outrora fechado e triste da vida nacional esta é, sem dúvida, das mais amplas e das mais rasgadas.»

Por esta tão verdadeira como expressiva apreciação poderão os que nos leem fazer uma ideia segura do que é a 4.ª Exposição da Arte Moderna.

Obra de solidariedade corporativa

O Govêrno concedeu às Casas do Povo já constituidas por todo o país o importante subsídio de 1724 contos para que estas prestantes instituições possam continuar a sua obra de acção Corporativa em todos os meios rurais.

Mas, ao mesmo tempo que tal faz, o sr. Sub-Secretário das Corporações mandou também distribuir entre os seus 70 mais necessitados das *Casas dos Pescadores* a quantia de 20 contos a-fim-de que aqueles humildes trabalhadores pudessem ter nos seus lares pobres um Natal mais livre de preocupações e com um pouco de bem merecida fartura. E' assim, cuidando dos menos protegidos da sorte e da fortuna que se realiza completa acção corporativa, acção de solidariedade que honra os que a praticam e em nada deminue os que por ela são beneficiados.

A nossa política económica

Depois do Convénio Comercial com a Espanha recentemente assinado e ao qual já aqui fizemos merecida referência acaba o Govêrno português de firmar, com o italiano, alguns acôrdos de carácter económico em que muito e muito é beneficiada a nossa economia e principalmente o nosso comércio de exportação, visto que foi aumentada a lista dos contingentes posta em vigor pelo acôrdo comercial com a Itália, de 21 de Dezembro de 1926. Tanto equivale a dizer que nesta matéria, como em todas as mais, o Govêrno nem por um só momento descura o interêsse nacional.

GIL DO SUL

Olhares sôbre Portugal

É assim que se intitula o artigo de fundo do *Petit Journal* recentemente consagrado ao nosso país, em que o seu autor, o coronel La Roque, chefe do Partido Social Francês, afirma que a colaboração portuguesa é indispensável para a reorganização da Europa. «Portugal—diz aquêle político—aparece como uma das mais sólidas cidadelas da espiritualidade».

O coronel La Roque confessa «que nunca teve a honra de abordar o dr. Salazar ou qualquer dos seus compatriotas». Estudou, porém, a sua obra. Interessou-se pela experiência portuguesa. E uma e outra, identificadas, surgiram-lhe na sua verdadeira estatura, que começa a assombrar a Europa. É possível que haja ainda dentro do país quem finja não avaliar, em tôda a sua extensão e grandeza, o renascimento operado pelo Estado Novo e a sua influência. No estrangeiro, contudo, todos o reconhecem e unânimamente lhe prestam homenagem. Talvez porque as grandes obras sociais e políticas sejam melhor visíveis de longe, como as paisagens de montanha que só assim surgem em tôda a plenitude das suas magníficas proporções.

Atenção para a 4.ª página

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, as srs.as D. Bebiana de Rezende Vieira e D. Rosa de Oliveira Lemos, esposas, respectivamente, dos srs. Francisco das Neves Vieira, 2.º sargento de Cavalaria 5, e Abel de Lemos, residente em Cassequel (Africa Ocidental); os srs. tenente-coronel Gaspar Ferreira, presidente da Junta Autónoma da Ria e Barra, e dr. Manuel Soares, médico local; a interessante Maria Isolete Eulália Pinto e o menino António Mateus Wenceslau, filhos, respectivamente, dos srs. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5, e tenente Francisco António Wenceslau, actualmente em Chaves; âmanhã, o inocente João Adalberto, filho do sr. João Batista do Amaral Brites, furriel de infantaria 10, e a sr.ª D. Maria Fernanda de Castro Pina, esposa do sr. Henrique Pina, residente em Lisboa; no dia 8, a sr.ª D. Dalila Ala dos Reis, filha do farmacêutico sr. Domingos João dos Reis Júnior e a menina Aurora Gabriela da Silva, irmã do sr. Fernando Silva, escriturário da Direcção de Estradas do Distrito de Faro; em 9, o Abelzinho, filho do sr. tenente Júlio Durão; em 10, a sr.ª D. Severina de Morais Ferreira e o sr. dr. Manuel Simões Carrelo, médico na capital; em 11, a menina Maria de Lourdes de Morais Domingues, filha do sr. capitão Quina Domingues, e em 12, o engenheiro-agrónomo, sr. dr. Eduardo de Almeida Souto, de Angeja, e o sr. Raul Marques de Almeida, chefe da agência da Caixa Geral de Depósitos de S. João da Madeira.

Casamentos

Em Agueda realisou-se ante-ontem com grande pompa, o enlace matrimonial da sr.ª D. Orquídea Dália Flôres, gentil filha do sr. tenente José Flôres e que nesta cidade tanto se distinguiu como componente do Grupo Cénico do Club dos Galitos na revista Ao Cantar do Galo, *com o sr. alferes Mário Esequiel Lobão da Cruz, que há pouco concluiu o curso da E. C. S. naquela vila.*

A cerimónia religiosa foi celebrada pelo rev.º Oscar de Aguiar, na igreja matriz, assistindo numerosos convidados, que formavam um extenso cortejo de automóveis, e tendo a abrilhantá la a orquestra Schola Sanctorum, *pertencente ao Hospital Conde de Sucena e da qual faz parte um grupo de senhoras da melhor sociedade aguedense.*

Em seguida o cortejo nupcial dirigiu-se para a residência dos pais da noiva onde foi servido um opíparo almoço, findo o qual os nubentes encetaram a sua viagem para o norte do país, onde passarão a lua de mel.

Na corbeille viam-se prendas de fino gôsto e de valôr.

O Democrata, cumprimenta o ditoso par, desejando-lhe as maiores venturas.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. Pedro Vasco Colares Pinto, gerente da filial do Banco N. Ultramarino de Gouveia; António Ramires Ferreira, aspirante de Finanças em Gois; João da Cruz Novo, furriel-aviador em Alverca; Antero Alves da Cunha, 1.º sargento de infantaria, Manuel Coimbra Flamengo e filho, de Lisboa; José de Oliveira Barreto e esposa, de Viseu, e Júlio Costa Júnior e também sua esposa, do Pôrto.

—Já se encontra de novo em Aveiro o sr. tenente Pereira dos Santos.

Doentes

Há bastantes dias que se encontra retido em casa, doente duma perna, o sr. Francisco das Neves Vieira, 2.º sargento de cavalaria.

—Têm-se acentuado as melhoras do nosso amigo João Mola.

Invocação de saüdade

—o—

A vida, na sua multiplicidade e aspectos, qual dêles o mais interrogativo, reserva-nos, de quando em vez, pontos de referência perante os quais o olvido não tem significação. E se nos detivermos, por momentos, olhando o passado, não deixaremos de encontrar, aqui e ali, datas e acontecimentos que nos cobrem a alma de uma saüdade infinda, onde a tristeza esvoaça como avesita ferida.

Não posso, ao fazer esta invocação superficial, deixar de dirigir os meus pensamentos de amargura até um ente querido que, faz um ano, passou ao mundo dos justos.

És tu, minha avó.

Trezentos e sessenta e cinco dias nada são, é bem certo, mas tenho a certeza de que mesmo vivendo trezentos e sessenta anos a minha saüdade, ao atingir êsse tempo, será a mesma de hoje.

Ainda não há muito que passou o Natal e êste dia de tradição, mais que nenhum outro, vinca no meu espírito a centelha da saüdade.

Tu, que eras incansável, a-pesar-de já velhinha, conservavas inalterável aquela lenda, cheia de romantismo, que nos fez acreditar na vinda do *Pai Natal* com as suas longas barbas brancas, pela via chaminé, para depôr no sapato as suas lembranças. E, espreitando o romper da aurora, nunca te esquecias de ir, de quarto em quarto, levar a cada um dos teus netos a oferenda com que havia sido contemplado.

Ser avó é ser duas vezes mãi; mas tu ultrapassavas, muito além, êsse limite.

Se na eternidade há a lei das compensações, estou certo que lá ocuparás um lugar de destaque, porque fôste na terra um modêlo de virtudes.

Avó querida: tu que já te desprendestes desta vida de falsidades e mentiras, repousa em paz. Crê que a minha imensa saüdade será eterna, legado sincero da minha adoração por ti. Entretanto, enquanto vivo fôr, saberei respeitar, religiosamente, a tua memória, como um padrão glorioso, levantado ao teu grande espírito de abnegação e amor pelos teus.

Requescat in pace.

Casa de Lourosa, 1940.

ANTONIO TUDELA

Correspondências

Esgueira, 3

Com 73 anos faleceu ontem, repentinamente, o sr. Manuel de Azevedo Cabral, natural do concelho de Baião, e que aqui vivia na companhia de seu filho, o comerciante sr. António de Azevedo Cabral.

O simpático velhinho era viuvo e teve um funeral bastante concorrido.

A tôda a família, as nossas condolências.

—Depois de aqui terem passado alguns dias, retiraram hoje para Lisboa, a sr.ª D. Generosa Fernandes da Silva Barbosa e marido, o sr. João Soares Barbosa, funcionário da C. P., e filha e genro, respectivamente, do capitalista sr. Manuel Fernandes da Silva.

C.

SORTEIO

Os irmãos Angelo Ferreira Marques e João Marques da Cruz, do Marco da Oliveirinha, dão conhecimento aos interessados que a rifa que fizeram de uma bicicleta saiu no bilhete **n.º 399** e que estão prontos a entregá-la a quem possuir aquele número até ao dia 31 de Janeiro de 1940.

Cartas a uma amiga de longe

Janeiro, 1940

Cara amiguinha:

Ele e ela conheceram-se numa praia, enquanto refrescavam corpo e alma num banho de mar. Um terceiro apresentou-os e, mesmo debaixo de àgua, as suas mãos apertaram-se. Ela nadava bem, na verdade—pensava êle.

Em seguida ao banho, para vir a reacção, jogaram basket, *patinaram, fizeram ginástica nas argolas. Ela tinha uma agilidade espantosa—continuava êle a pensar...*

Á tarde, no tennis, *vestida de branco, cabeleira ao vente, parecia uma pomba que se elevava no éter, numa velocidade de admirar. Nenhuma bola lhe falhava! Com ela, sim, podia-se jogar...*

Á noite, no Casino, dançaram ambos imenso. O rapaz, embriagado pela firmeza com que ela lhe seguia os passos mais excêntricos; ela encantada pela maneira como o par a conduzia,

E os dias sucediam-se uns aos outros e a camaradagem entre os dois aumentava cada vez mais.

O jóvem banhista admirava a educação moderna da rapariga Nenhuma nada como ela, nenhuma flirtava *com tanta graça, nenhuma tinha para todo e qualquer* sport *a sua habilidade e queda.*

A temporada balnear acabou, enfim, e uma vez na cidade continuaram a ser camaradas, até que o Cúpido do século XX, gracioso no seu maillot *moderno, lhes tinha tocado com as balas duma metralhadora que sempre trazia consigo. Sim; porque a alvejava e as setas estavam já* demodés.

Pobre Cúpido, coitadinho! Até a ti a moda atingiu!...

Passados dias, sem reflexões, nem cuidados, casaram, sem que ninguém lhes prégasse um sermão de sã moral, sem que pessoa alguma lhes fizesse ver o dever que êles tinham, ao constituir família, de a defender e de evitar que ela se desagregasse.

Numa velocidade de 200 à hora partiram para a deliciosa viagem de núpcias, a 1000 à hora se passaram aqueles dias admiráveis e a 10 à hora chegaram a casa, tristes por terem de se encerrar entre quatro paredes.

E à rapariga, avezita doida e irrequieta, desagradou-lhe sumamente a convivência íntima com o marido, a vida no seu lar, que ela considerava uma prisão sem grades.

Ele, por sua vez, começou a enervar-se, com o mau humor constante da esposa e com a sua falta de geito para dona de casa. E as desavenças avolumavam-se de dia para dia, porque a associação daqueles dois camaradas não tinha tido por base o amor, mas o sport *apenas. Porque não houve nenhuma alma caridosa que mostrasse àquela pobre rapariga, que o fim da vida de uma mulher é ser esposa e ser mãi.*

Por sua vez o marido, era dêstes meninos da moda que acham formidáveis *todas as mulheres modernas e julgam estar apaixonados pela primeira que se lhe depara e lhe dá confiança. Casam sem pensar, vivem os primeiros tempos sem pensar ainda e quando um dia, fatigados já da vida de boémia procuram o confôrto do lar, é que têm ocasião de medir a grandiosidade da asneira que fizeram. Depois a pobre da esposa é que o paga, depois é que vêm as recriminações, depois é que começam, por zangas e amuos, a fazê las modificar um pouco.*

Mas muitas vezes é já tarde e para o mal há apenas o recurso extremo—o divórcio.

Um abraço da

Zèmi

EDITAL

Cipriano António Ferreira Neto, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal e Recenseador Eleitoral do Concelho de Aveiro

FAÇO SABER, nos termos e para os efeitos do n.º 1.º do art.º 8.º do Decreto-lei n.º 23.406, de 27 de Dezembro de 1933, que no próximo dia 2 de Janeiro tem início as operações para organização do recenseamento político do próximo ano.

Assim, pelo presente, convido os indivíduos de ambos os sexos com capacidade eleitoral nos termos do referido Decreto, a inscreverem-se como eleitores, desde 2 de Janeiro a 15 de Março.

Para a inscrição deve-se ter em vista os seguintes preceitos:

1.º—São eleitores da Assemblea Nacional e do Presidente da República:

1—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever, domiciliados no concelho há mais de seis meses ou nele exercendo funções públicas no dia 12 de Janeiro anterior à eleição;

II—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, domiciliados no concelho há mais de seis meses, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos, a um ou a outros, quantia não inferior a 100$00 por todos, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição industrial, imposto profissional, imposto sôbre a aplicação de capitais.

NOTA — A qualidade de contribuinte prova-se pela inclusão no mapa enviado das Repartições de Finanças ou pela exibição dos conhecimentos que a comissão eleitoral da freguesia averbará no processo ou verbete do interessado.

III—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com o curso especial secundário ou superior, comprovado pelo diploma respectivo, domiciliados no concelho há mais de seis meses ou nele exercendo funções públicas no dia 2 de Janeiro anterior à eleição.

NOTA—Estas habilitações provam se pela exibição do diploma do curso, da certidão ou pública-forma respectiva perante a comissão referida.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a)—Pela exibição de diploma de qualquer exame público, feita perante a citada comissão;

b)—Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura.

c)—Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão aludida ou algum dos seus membros, desde que assim seja atestado no requerimento e autenticado com o sêlo branco ou tinta a óleo da Junta.

NOTA—A inclusão dos indivíduos nas relações dos chefes das repartições ou serviços públicos civis, militares ou militarisados, com indicação de saberem ler e escrever, é prova bastante para efeitos de recenseamento.

2.º—Não podem ser inscritos:

I—Os que receberam algum subsídio de assistência pública ou da beneficência particular e especialmente os que estenderem a mão á caridade.

II—Os pronunciados por qualquer crime com trânsito em julgado;

III—Os interditos da administração de sua pessoa e bens, por sentença com trânsito em julgado, os falidos não reabilitados e, em geral, todos os que não estiverem no gôzo dos seus direitos civis e políticos.

IV—Os notòriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença.

3.º—As relações dos eleitores a inscrever são organizadas pelas comissões eleitorais das freguesias, compostas pelo Regedor, presidente da junta e por um delegado da autoridade administrativa do concelho, e é perante elas que os indivíduos devem fazer a sua inscrição.

4.º—Até 10 de Abril, os cidadãos podem verificar em cada concelho ou bairro se vão incluidos nas relações referidas no número anterior e reclamar perante a respectiva comissão do concelho, do recenseamento, a sua inscrição como eleitores.

NOTA—Para efeito de reclamação, os interessados de 11 a 15 de Maio, podem examinar as cópias dos recenseamentos originais afixados à porta da Secretaria da Câmara Municipal.

As reclamações, que não podem dizer respeito a mais do que um cidadão, serão interpostas para os auditores administrativos até ao dia 20 de Maio e terão por objecto:

a)—Eliminação no recenseamento dos cidadãos indevìdamente inscritos;

b)—Inscrição dos cidadãos que, tendo requerido a sua inscrição ou devendo ser inscritos oficiosamente, deixarem de o ser.

5.º—Os diplomas, certidões e públicas-formas e demais documentos necessários à inscrição dos cidadãos nos cadernos eleitorais e à instrução das reclamações, serão obrigatória e gratuìtamente passados em papel sem sêlo, dentro dos prazos marcados no citado Decreto-lei, mediante pedido verbal dos próprios interessados, incorrendo as entidades que demorarem ou não entregarem tais documentos, nas penalidades correspondentes ao crime de desobediência qualificada.

6.º—Em tudo que não fôr expressamente regulado no citado Decreto-lei, vigorará, na parte aplicável, a legislação vigente.

Na Secretaria da Câmara Municipal e nas sedes das Juntas de Freguesia, onde funcionam as Comissões Eleitorais, dão-se os esclarecimentos necessários e, para geral conhecimento, publico o presente edital, que vai ser afixado nos lugares públicos do costume,

Paços do Concelho, 28 de Dezembro de 1939.

Cipriano António Ferreira Neto.

Quadro das operações do recenseamento eleitoral

a) Seu início—*2 de Janeiro:*

b) Afixação dos editais—*até cinco dias antes do início das operações;*

c) Ofícios com indicações aos presidentes das Juntas de freguesia, aos regedores e aos funcionários do registo civil—*enviados de forma a serem recebidos até 7 de Janeiro;*

d) Período para os funcionários mencionados na alínea antecedente fornecerem os elementos solicitados—cinqüenta e dois ou cinqüenta e três dias, *desde 9 de Janeiro ao último dia de Fevereiro;*

e) Período para os chefes de repartições e de serviços enviarem as relações dos respectivos funcionários com direito de voto e para os chefes das repartições de finanças remeterem as relações dos cidadãos nas condições do n.º 4.º do artigo 2.º—cinqüenta e oito ou cinquenta e nove dias, *desde 2 de Janeiro ao último dia de Fevereiro;*

f) Período para os cidadãos que se julguem com direito de voto promoverem, perante as comissões eleitorais das freguesias a sua inscrição no recenseamento—setenta e três ou setenta e quatro dias, *desde 2 de Janeiro a 15 de Março;*

g) Período para as Comissões citadas na alínea antecedente entregarem os seus trabalhos—oitenta e três ou oitenta e quatro dias, *desde 8 de Janeiro a 31 de Março;*

h) Período para os cidadãos e entidades referidas na alínea *f* verificarem se estão inscritos e reclamarem, em caso negativo, a sua inscrição junto das comissões concelhias—dez dias, *desde 1 a 10 de Abril;*

i) Período para a organização do recenseamento pelas comissões referidas na alínea antecedente—trinta dias, *desde 11 de Abril a 10 de Maio;*

j) Período em que o recenseamento deve estar afixado para efeitos de reclamações—cinco dias, *desde 11 a 15 de Maio;*

k) Período para a interposição das reclamações—cinco dias, *desde 16 a 20 de Maio;*

l) Período para os auditores proferirem as sentenças—onze dias, *desde 21 a 31 de Maio;*

m) Período para as mesmas sentenças serem comunicadas aos funcionários recenseadores—dois dias, *desde 1 a 2 de Junho;*

n) Período para efectivação das alterações resultantes das sentenças—seis dias, *desde 3 a 8 de Junho;*

o) Remessa das cópias aos presidentes das câmaras mudicipais—vinte e dois dias, *desde 6 a 30 de Junho;*

p) Remessa das cópias à Direcção Geral de Administração Política e Civil e aos govêrnos civis—cinquenta e três dias, *desde 9 de Junho a 31 de Julho.*

MODÊLO PARA O REQUERIMENTO

(Em papel comum)

F... (estado), de .. anos de idade, ... (proüssão) residente em... freguesia de..., dêste concelho RESIDINDO NA MESMA FREGUESIA HÁ MAIS DE SEIS MESES, COMO PROVA COM ATESTADO DO REGEDOR QUE JUNTA ou RESIDENTE NA MESMA FREGUESIA DESDE 2 DE JANEIRO DESTE ANO (se fôr funcionário) requere a sua inscrição no recenseamento para a eleição de..., com o fundamento de..., o que tudo prova com os documentos que JUNTA ou EXIBE.

Data, assinatura e autenticação pela comissão recenseadora ou por algum dos seus membros quando o requerimento tenha sido escrito, lido e assinado pelo próprio, perante êste ou aquela. Quando a prova de saber ler e escrever seja feita por meio de requerimento autenticado por notário, deve o reconhecimento abranger a letra e assinatura.

NOTAS—Documentos necessários:—certidão de idade ou bilhete de identidade, diploma de qualquer ensino público e atestado de residência.

Necrologia

No bairro do Alboi deixou de existir, segunda-feira, o antigo remador da Alfândega, João dos Santos Carau, que contava a avançada idade de 85 anos.

Era viuvo e o seu cadaver foi sepultado no cemitério novo.

* * *

Vitimado por uma pneumonia também na quarta-feira se finou, no bairro piscatório, João da Naia Fortes, que ante-ontem foi a anterrar no cemitério central com grande acompanhamento.

* * *

Em Ilhavo, para onde foi viver após o seu casamento com o sr. dr. Paulo Ramalheira, médico especialisado em doenças da bôca e dentes, finou-se no último sábado a sr.ª D. Maria Soares Martins Ramalheira, que ainda não há um mês havia dado á luz uma criança do sexo feminino.

A sua morte, inesperada, causou profunda consternação naquela vila e também nesta cidade, onde era bastante conhecida e possuia inúmeras relações, adquiridas, em parte, no tempo em que foi aluna do antigo Colégio de N. S.ª da Apresentação e ao mesmo tempo do nosso liceu.

A inditosa senhora desaparece em plena juventude—27 anos! Chegando a frequentar a Universidade, tirou, depois, o curso do magistério primário, tendo regido cadeira enquanto solteira, em Arrancada do Vouga, de onde era natural.

O seu entêrro realisou-se domingo de tarde e a-pesar-da chuva persistente que caiu, foi uma eloquente manifestação de pesar como raras vezes se tem presenceado naquela vila, tendo-se também incorporado numerosas pessoas de Aveiro. Sôbre a urna foram colocadas coroas e *bouquets* com sentidas dedicatórias, e a chave foi conduzida pelo sr. dr. Vítor Gomes.

Como acima dizemos, a sr.ª D. Maria Soares era esposa do sr. dr. Paulo Ramalheira de quem deixa duas meninas; filha do sr. João Soares Martins e irmã da sr.ª D. Benvinda Soares Martins e do sr. Flávio Soares Martins, aluno da Escola Superior de Agronomia.

A toda a família, mas em especial ao desolado viuvo, as nossas sentidas condolências.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Rosa de Oliveira, viuva, de 75 anos; em *S. Bernardo*, Maria Matias Vieira, de 49, casada com António da Costa Tavares, e na *Póvoa do Paço*, João Luís da Silva, também casado, de 71.

Ver a 4.ª página

Fotografia Central
HENRIQUE RAMOS
AVEIRO
É a única que satisfaz em arte as nossas maiores exigencias!
RUA DIREITA-27
TEL. 127

SCALABIS